

servem para refrear a competição entre os homens, o que diminui a violência e aumenta a cooperação.

Com formação em zoologia e economia, Ridley segue outro rumo, se concentrando em estudos sobre o “dilema do prisioneiro” e a “tragédia do comum”, incluindo muitos outros baseados em simulações de computador e experimentos psicológicos. Ele procura esclarecer as situações que levam as pessoas (e outros animais) a cooperarem para o bem do grupo. Nos últimos capítulos o autor se concentra em estudos de comunidades que conseguiram preservar o bem público vs. comunidades que fracassaram por falta de cooperação. O autor argumenta que nem regulamentos governamentais, nem privatizações conseguem evitar tragédias do comum. Mas vários grupos têm conseguido preservar o bem comum com formas complexas e estáveis de cooperação e fiscalização entre as pessoas.

A diversidade destes três livros e dos estudos que citam demonstra a produtividade de abordagens evolucionistas para entender não só a natureza humana, mas também a variação sociocultural da nossa espécie. Os enfoques sobre moralidade são especialmente ricos para aqueles que ingenuamente caem nas falácias naturalistas, relativistas ou moralistas, e que procuram um outro caminho.

### **Diálogos das grandezas do Sertão**

Brandão, Carlos Rodrigues. *“Memória Sertão. Cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão”*. Editorial Cone Sul, 309 páginas, 1998.

#### **Oscar Calavia Sáez**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
Universidade Federal de Santa Catarina

Carlos Brandão é um escritor assíduo e com um público fiel – mais amplo e menos acadêmico que o de outros antropólogos –, um autor obrigatório quando se trata de religião ou educação popular, pesquisa participante ou campesinato. Mas dificilmente aparece nos balancetes teóricos da antropologia brasileira. Memória Sertão seria uma boa ocasião para se perguntar porquê. Nas suas páginas aparecem

com plena radicalidade os temas que têm agitado as reflexões sobre o ser e o nada da antropologia nos últimos quinze ou vinte anos: a antropologia como literatura (e vice-versa), o panegírico da interpretação e da polifonia, a pluralidade irreduzível dos relatos. O foco desse vasto afresco é Manuelzão – guia de João Guimarães Rosa nas suas viagens sertanejas e personagem de um dos seus relatos mais vigorosos. Manuelzão – figura singular entre outros parceiros e mentores de Rosa – surge ao mesmo tempo monumental, simples e mítico. Também dialógico: em certa página o velho vaqueiro lamenta não ter anotado em uma caderneta as tantas coisas que o escritor contava de sua vida pelo mundão afora. Em torno dele – unidos pelo tênue fio da memória, quase mais um pretexto que um fio – se agrupam escritos heterogêneos: paráfrases de textos de Guimarães Rosa, oscilando entre uma quase-psicografia e uma quase interpretação e deixando no meio algumas belas páginas; ensaios sobre a “pátria” e a “identidade”; análises mais ou menos greimasianas; exercícios de estilo ou, como ele mesmo diz, “visitas” a autores tão variados quanto Walter Benjamin, Susan Sontag ou Michael Taussig, nomes que surpreende encontrar numa companhia tão *old-fashioned* como a dos viventes do sertão central do Brasil. Capítulos (aliás, “trechos”) como o terceiro, “a memória cúmplice” ou como o exercício semiótico acima citado, trazem sugestões preciosas para quem se interesse pelos meandros da história oral.

“A memória cúmplice” narra uma ocasião em que o autor, confundido com um matador de aluguel, quase foi assassinado por um informante receoso, em meio ao silêncio conivente ou cético de todos os “nativos” menos um; a reconstrução do episódio que é feita na seqüência revela as perigosas sutilezas do papel do etnógrafo e da memória “coletiva”. Na análise do que o autor chama com um certo desdém “memória de esquadro e regra” (primeiro trecho, quinta visita) examinam-se verdade, falsidade, segredo e mentira como faces da memória.

Carlos Brandão é o fundador do pós-modernismo cordial, se tal coisa é possível. Ele faz tudo isso por uma vontade original – não por fastio de uma herança acadêmica demasiado rígida e volumosa, ou por má consciência ex-colonial, ou à procura de novos espaços acadêmicos ou profissionais. Menos ainda por imposições da moda; afinal, já em 1982 estava publicado seu livro “Diário de Campo”, um livro de poemas que antecipa os temas e as atitudes deste. Ele é um pesquisador de campo feliz, que gosta dos comes e bebes nativos, que sabe fazer falar – e escutar – o saber local, um etnógrafo aparentemente infenso ao banzo

etnográfico e surdo aos *anthropological blues* sem que isso o condene à ingenuidade (afinal, o mau-humor e o distanciamento não garantem a perspicácia).

O livro de Brandão oferece uma bela caminhada a um leitor paciente que possa dispensar as muletas acadêmicas, mas na academia propriamente dita pode despertar uma questão: a de saber se há na fogueira pós-moderna (já meio apagada) alguma lenha que não venha da derrubada ou da poda dos velhos gêneros ou das velhas retóricas etnográficas. É um belo livro que pode inspirar feias imitações. O diálogo, mais ou menos franco e desigual, anterior ao texto, faz parte da etnografia há muito tempo: Brandão é um mestre nele. A antropologia crítica o captura e expõe dentro do texto. E depois? É difícil dialogar com um livro dialógico; pode-se citar (preferencialmente em epígrafe), degustar, ignorar, quase nunca discutir – caberia se perguntar se o diálogo lá equivale por força ao monólogo cá. Mas talvez seja melhor assim.

### Uma ilha caribenha desenterra seu passado

Alofs, L.; Rutgers, W. & Coomans, E. H., 1997. *Stichting Libri Antilliani Arubaans Akkoord: Opstellen over Aruba Van Vóór de Komst Van de Olieindustrie* ["Concórdia arubana: ensaios sobre Aruba antes da vinda da indústria petrolífera"]. Países Baixos: Bloemendaal.

#### Fernando Rosa Ribeiro

Prof. Visitante  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social  
Universidade Federal de Santa Catarina

*“Aruba é ilha de índios e minas de ouro, da exploração de fosfato e do cultivo do aloé. Lá também [assim como nas ilhas vizinhas] tudo fenece por falta de água”.* Essa descrição está num relatório de um deputado do parlamento holandês do começo do século, citado em um dos ensaios. Outras descrições – bastante raras nesse canto desolado e outrora esquecido do império colonial neerlandês – tampouco são alentadoras. Os raros visitantes nessa pequena ilha perto da costa venezuelana (que eram em geral párcos ou funcionários do governo) tinham pouco a dizer sobre Aruba – às vezes somente um parágrafo ou poucas linhas. Nas palavras de outro ensaísta arubano no livro, era *“uma ilha insignificante numa colônia insignificante”* (“Colônia de